



No romance de Oswaldo Costa, a trama – com as peripécias e perfis dos indivíduos inseridos no espaço da narrativa – e a linguagem sugestiva e precisa empregada no discurso, revelam um sortilégio verbal, opulento de metáforas. Pobre de palavras, qualquer relato é fraco. E esse atributo, da disponibilidade vocabular, Oswaldo Costa tem muito! Por isso, seu livro agrada, tem qualidade literária.

Em várias passagens de Orapronóbis, encontramos trechos palpitantes de colorido vivo das sensações transcritas em cenas da natureza, no traduzir forte dos sentimentos envolvidos em diálogos e situações dramáticas.

Às vezes, o entusiasmo do escritor supera com exuberância, calcado nos dotes lingüísticos, a função do ficcionista de contar bem uma história, sem afastar-se da coerência necessária ao desenvolvimento pleno do relato. No entanto, não compromete o valor da obra a cultura excessiva do autor. Ele merece encômios e leitura.

Jarbas Junior

Interagindo prazerosamente com o autor, esmiucei Orapronóbis, matutando, relendo, absorvendo. E aprendendo. Critiquei e sugeri, como se a obra também fosse minha. Além da nossa vã filosofia, alguém diria. As partes mais áridas, próprias da formação e da cultura do autor, me soaram às vezes como clarins. E as aplaudi. Outras soaram como exímia percussão. E as respeitei.

Mas, apenas leitor, me emocionei com a prosa impregnada de poesia rebuscada e fértil. E reli muitos trechos, movido não mais pelo dever de revisar, mas por um prazer intenso, olhos turvos de lágrimas, como se presente por exemplo ao encontro emocionante de Nezinho e Urias no ribeirão lajeado e ermo, ou vivendo os devaneios do amado de Nora, que só desejava “voltasse ela aos seus olhos”. As palavras então de Oswaldo Costa me tocaram como se fossem violinos.

Mas outros sons a leitura de Orapronóbis nos traz. Não os distingui, porém, pela minha incompetência. São celestiais, acima da minha compreensão.

Aristides Coelho Neto



Foto acm-10set2005

Oswaldo Costa, filho de Joaquim Costa Carijó e Ludmilla Rubinger Costa, natural de Paracatu, Minas Gerais, nasceu em 3 de julho de 1918. Casado com Maria José Pinheiro Costa, é pai de seis filhos. Farmacêutico-bioquímico, pela Faculdade de Farmácia da UFMG, foi eleito vereador pela extinta UDN, pela qual exerceu três mandatos consecutivos em Paracatu (1947-1960), onde foi o segundo mais votado em todos eles. Posteriormente foi vereador em Anápolis-GO (1973-1976). Foi Superintendente Regional de Educação e Cultura de Anápolis, ocupando, após, a 4ª Delegacia Regional em três mandatos distintos. Exerceu, como titular, por sete períodos consecutivos, as cadeiras de Microbiologia e Bioquímica da Faculdade de Odontologia João Prudente, em Anápolis. Ministrou as disciplinas Atomística e Biologia em diversas escolas de nível médio. Foi presidente do Rotary Anápolis Norte e venerável da Loja Maçônica “Nova Luz Paracatuense”. Emérito, ocupou vários cargos na Loja Maçônica “Lealdade e Justiça II”, em Anápolis, a saber: delegado do grão-mestre Estadual do Grande Oriente do Estado de Goiás da Primeira Zona; ex-membro Decano do Conselho Federal da Ordem Maçônica do Grande Oriente do Brasil. Foi agraciado com a Comenda “Estrela da Distinção Maçônica”.